

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Brasil

Editores da Décima Quinta Edição

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Conselho Editorial

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Auxiliadora Fontana Baseio | Universidade de Santo Amaro, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria dos Prazeres Santos Mendes | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, Brasil.

Comissão Científica

Angela Balça | Universidade de Évora, Portugal

Diógenes Buenos Aires | Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Eliane Debus | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

José Jorge Letria | Associação dos Escritores Portugueses, Portugal

José Nicolau Gregorin Filho | Universidade de São Paulo, Brasil

Pedro Serra | Universidade de Salamanca, Espanha

Rosangela Sarteschi | Universidade de São Paulo, Brasil

Sérgio Paulo Guimarães Sousa | Universidade do Minho, Portugal

Ricardo Iannace | FATEC/ Universidade de São Paulo, Brasil.

Rita de Cássia Dionísio | Universidade de Montes Claros, MG, Brasil.

Comissão de Publicação

Cristiano Camilo Lopes | Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

Cristina Casagrande de Figueiredo Semmelmann | Universidade de São Paulo, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Maria Cristina Xavier de Oliveira | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Regina Célia Ruiz | Universidade de São Paulo, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | Centro Universitário Faculdade das Américas - FAM, Brasil

Preparação e Revisão da Décima Quinta Edição

Adriana Falcato Almeida Araldo | Universidade de São Paulo, Brasil

Bianca Leão Bertin | Universidade de São Paulo, Brasil

Danielle Salles | Universidade de São Paulo, Brasil

Ellen Maria Martins de Vasconcellos | Universidade de São Paulo, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Selma Simões Scuro | Universidade de São Paulo, Brasil

Simone Camacho Gonzalez | Universidade Paulista, Brasil

Projeto Gráfico

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Edição de Arte

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Criação do Logotipo

Silvana Mattievich

Ilustração da Capa

Eduardo Belga | <https://www.ebelga.com/>

Capa

Bruno de Oliveira Romão | <https://www.instagram.com/ilustra.bruno/>

Tradutores

Danielle Salles | Universidade de São Paulo, Brasil

Ellen Maria Martins de Vasconcellos | Universidade de São Paulo, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | CAPES/ Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Selma Simões Scuro | Universidade de São Paulo, Brasil

Simone Camacho Gonzalez | Universidade Paulista, Brasil

Pareceristas da Décima Quinta Edição

Alexander Meireles da Silva | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Ana Lúcia Machado da Silva | Universidade Paulista, Brasil

Ana Paula Santos | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

André Cabral de Almeida Cardoso | Universidade Federal Fluminense, Brasil

Auricélio Soares Fernandes | Universidade Estadual da Paraíba, Brasil

Ayda Elizabeth Blanco Estupiñan | Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Brasil

Bruno Anselmi Matangrano | Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Daniel Augusto Pereira Silva | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Dayse Oliveira Barbosa | Universidade de São Paulo

Emílio Soares Ribeiro | Universidade do Estado do Rio Grande do Norte,
Brasil

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro | Universidade Federal de Goiás, Brasil

Felipe Mello | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Janile Soares | Instituto Federal da Paraíba, Brasil

Joao Pedro Bellas | Universidade Federal Fluminense, Brasil

Júlio César França Pereira | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leandro de Negreiros Pereira dos Santos | Universidade Estadual Paulista, Brasil

Lígia Regina Maximo Cavalari Menna | Universidade Paulista, Brasil

Lourdes Guimarães | Universidade de São Paulo, Brasil

Luciane Alves Santos | Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Luciano Cabral da Silva | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Zilda da Cunha | CNPQ/ Universidade de São Paulo, Brasil

Marcio Markendorf | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Maria Auxiliadora Fontana Baseio | Universidade de Santo Amaro, Brasil

Marina Sena | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Nathália Xavier Thomaz | Universidade de São Paulo, Brasil

Oscar Nestarez | Universidade de São Paulo, Brasil

Pedro Puro Sasse da Silva | Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Renan Rivero | Universidade do Porto, Portugal

Rogério Almeida | Literatura Brasileira da Universidade Tecnológica Federal do
Paraná, Brasil

Rogério Sáber | Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Sandra Trabucco Valenzuela | Centro Universitário Faculdade das Américas -
FAM, Brasil

Simone Camacho Gonzalez | Universidade Paulista, Brasil

Vicente Martin Mastrocola | Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

ISSN: 2316-9826

SUMÁRIO

Editorial 8

Maria Zilda da Cunha, Nathália Xavier Thomaz, Oscar Nestarez, Ricardo Iannace

Entrevista

O horror que emana do poder: uma entrevista com Mariana Enriquez13

Oscar Nestarez

Artigos

Perfil tensivo e estratégias de construção da tensão
em *O barril de Amontillado*, de Edgar Allan Poe 26

Dayane Celestino de Almeida

Keziah Mason: a bruxa cientista de H. P. Lovecraft48

Nathalia Sorgon Scotuzzi

Grotteschi e Rabeschi: A hipotipose do horror em Gabriele D'Annunzio 66

Julia Lobão

A construção do inquietante nos contos de Frederico Toscano88

André de Sena

New weird e literatura brasileira: Análise do conto

Menina bonita bordada de entropia, de Cirilo Lemos 108

Cristhiano Aguiar, André Karaszuk Taniguchi

| | |
|--|-----|
| Narrativas entretecidas vertentes do assombro e do medo: a casa e suas ruínas em Poe, Cortázar e Amenábar..... | 123 |
| Kátia Pellicci Cembrone de Souza, Joana Marques Ribeiro | |
| Entre a carne e o espírito: relações de gênero nos filmes de horror de Jean Garrett | 149 |
| Tiago José Lemos Monteiro, Laura Loguercio Cánepa | |
| A monstruosidade em <i>Lilith's Awakening</i> | 176 |
| Stephania Amaral Silva Belo | |
| Slasher therapy: the slasher movie as an allegory for uncovering trauma..... | 199 |
| Amanda Leonardi de Oliveira | |
| We're doing this because you were home: An analysis of elements of the slasher formula in <i>The Strangers</i> (2008) | 215 |
| Vitor Fernandes, Claudio Vescia Zanini | |
| Time oddity, Paradoxes and the gothic..... | 243 |
| Vinicius Bril Rocatelli, Cido Rossi | |
| <i>Hellblade: Senua's Sacrifice</i> - Loucura e feminino na construção do horror | 261 |
| Luciana de Paula | |
| Resenha | |
| <i>Horror noire: a representação negra no cinema de terror</i> | 292 |
| Daniel Lucas de Medeiros | |

EDITORIAL

Imagética do horror e leituras do medo: experiências compartilhadas

Este décimo quinto número da *Literartes* traz a público a narrativa de horror, segmento ficcional de complexa classificação (há quem a chame de gênero; há quem a identifique como categoria literária). Independentemente da nomenclatura, esse construto promove uma recepção *sui generis*. Afinal, todo pacto de leitura se traduz em exercício de fruição que ultrapassa a simples recolha de dados processados num enredo. No caso dessas intrigas, uma violência supura a lâmina textual e se potencializa graças a uma atmosfera insólita — ambiência rica em metáforas que pulverizam o sinistro orlado pelo hediondo.

Cumprе assinalar que o imaginário do horror nos acompanha desde tempos imemoriais. O *arrepio na espinha* exerceu papel fundamental na preservação de nossa espécie, seja orientando o homem na busca de lugares mais seguros para habitar, seja o levando a criar e a compartilhar histórias ao redor da fogueira — gestos que reverberam advertência aos perigos iminentes ou ao desconhecido. Assim, o medo constitui-se em poderoso mecanismo de sobrevivência e, uma vez vinculado ao terreno de ameaças, suscita fantasias.

No curso da História, é fato que a humanidade superou muitos medos, mas nem por isso deixou de se render a esse sentimento. Se, à luz da ciência, alguns mistérios do planeta, da natureza e do próprio ser humano foram explicados, outros se engendraram na nossa faculdade imaginativa, alimentando, pois, a ficção. Aliás, na segunda metade do século XVIII, em pleno Iluminismo, a narrativa gótica desponta com a publicação de *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole.

Sucedе a essa obra um número crescente de ficcionistas que buscam refúgio no castelo medieval do gótico, a exemplo dos também britânicos Charles Maturin, William Beckford, Matthew Lewis e Ann Radcliffe, entre outros que se empenharam em criar tramas cujo núcleo incide no confronto entre um mundo racionalizado e

um mundo inexplicável, sobrenatural — portanto, assustador. Compuseram então os alicerces do que hoje reconhecemos como o fantástico e o horror na literatura.

Todavia, passados mais de duzentos anos, pergunta-se o que, em essência, caracterizaria a literatura de horror, conferindo a ela alguma autonomia em relação ao gótico e ao fantástico. Uma parte da resposta reside na etimologia do vocábulo “horror”, do latim “*orrere*”, que significa “erizar” ou “arrepia”. Tais textos se organizam em torno de um conjunto de temas em inextinguível expansão; são narrativas arquitetadas a partir de formas e fórmulas específicas, mas em constante transformação.

Segundo Xavier Aldana Reyes, pesquisador catalão, “ao contrário de outros gêneros que se amparam mais fortemente em coordenadas históricas, culturais e geográficas específicas, como o gótico e o *Western*, a ficção de horror é extensivamente definida por suas pretensões afetivas. Em outras palavras, o horror obtém esse nome das respostas emocionais que procura provocar nos leitores”. Trata-se de concepção semelhante à do “horror artístico” proposta pelo filósofo estadunidense Noël Carroll. A categoria também se distingue pelo intenso diálogo com narrativas audiovisuais, de jogos eletrônicos, de quadrinhos e de outras linguagens; esse intercuro proporciona à ficção de horror uma constante atualização de estratégias e procedimentos retóricos para o alcance do efeito estético.

Para tais questões, que perpassam o campo intersemiótico, se voltam os artigos enfeixados nesta *Literartes*. A seção conta com doze textos, os quais, majoritariamente, revisitam o cânon literário em consórcio com postulados teórico-críticos fundamentais na compreensão dessa vertente estética que horripila o leitor de maneira sem igual.

Dayane Celestino de Almeida propõe a análise do conto “O barril de Amontillado”, reconhecendo o modo como se opera a tensão nessa narrativa de E. A. Poe; a *semiótica tensiva*, conforme anuncia a pesquisadora, subsidia — teórica e metodologicamente — sua leitura do trecho. O escritor H. P. Lovecraft faz-se contemplado na abordagem de Nathalia Sorgon Scotuzzi — o foco da estudiosa é a personagem Keziah e a figuração da sibila: admite-se no conto “Sonhos na casa da bruxa” uma dialética entre o Diabo e a mitologia cristã. A poética de Gabriele D’Annunzio, na obra *Grotteschi e Rabeschi*, ganha atenção no artigo de Julia Ferreira Lobão Diniz, que se atém às *hipotiposes* (descrições vívidas) do *horror* na produção anterior à fase decadentista do dramaturgo italiano.

O escritor brasileiro Frederico Toscano tem suas narrativas analisadas por André de Sena. Apreende-se a construção do inquietante em contos inseridos na obra *Carapaça escura* (2019), ficção inaugural de Toscano. Nas tessituras examinadas evidencia-se a presença do gótico setecentista, do fantástico e do horror dos séculos XIX e XX. O artigo de André Karaszczuk Taniguchi e Cristhiano Aguiar discute o *new weird* — vertente do insólito originária das literaturas de língua inglesa que compreende o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000. Analisa-se o conto “Menina bonita bordada de entropia”, de Cirilo Lemos, publicado na antologia *Fractais tropicais: o melhor da ficção científica brasileira*, organizada por Nelson de Oliveira.

Dois contos clássicos, “A queda da casa de Usher” e “Casa tomada”, são lidos pelas pesquisadoras Joana Marques Ribeiro e Kátia Pellicci Cembrone de Souza sob a perspectiva do assombro e do medo. O componente espacial, nas narrativas de Poe e Julio Cortázar, apresenta-se em diálogo com a peça fílmica “Os outros”, produção contemporânea dirigida e roteirizada por Alejandro Amenábar. Na sequência, o texto de Laura Cánepa e Tiago Monteiro explora aspectos e características temáticas ligados a gênero e sexualidade nos filmes de horror do cineasta luso-brasileiro Jean Garrett. A indústria de *sexploitation*, presente nos anos 1970, em paralelo ao discurso reacionário vigente no período político da ditadura militar, avulta como objeto de reflexão no artigo.

A sétima arte também se faz presente na abordagem proposta por Stephania Amaral, na medida em que a estudiosa perscruta o mito de Lilith no filme *Lilith's Awakening* (2016), da diretora brasileira Monica Demes. O vampiresco, a monstrosidade e o onírico são valorizados em conformidade com a fotografia cinematográfica. O artigo em língua inglesa “Slasher therapy: the slasher movie as an allegory for uncovering trauma”, de Amanda de Oliveira, investiga filmes *slasher* como figura alegórica com fins terapêuticos no resgate de traumas. Um outro artigo em inglês, assinado por Claudio Zanini e Vitor Fernandes, está presente — seu título é “We’re doing this because you were home: an analysis of elements of the slasher formula in *The Strangers* (2008)”. Explora-se nesse longa-metragem de Bryan Bertino a conexão entre a dinâmica do filme *slasher* e o modo de contar uma história de horror no contexto cultural do primeiro decênio de 2000 nos Estados Unidos. Os ataques terroristas do 11 de Setembro são referenciados.

Um terceiro texto em idioma inglês, “Time oddity: paradoxes and the gothic”, de autoria de Vinicius Bril Rocatelli e Cido Rossi, reflete acerca do gênero ficção científica e do gótico, apoiado em proposições teórico-críticas de linha pós-estruturalista que acenam ao hibridismo e a gêneros-modos, como advertências para o que representara o cientificismo e o racionalismo iluminista. Por fim, o artigo de Luciana de Paula, “Hellblade: Senua’s sacrifice: O feminino e a loucura”, em que experiências da ordem do horror histórico, psicológico e artístico são tratadas na estrutura do jogo eletrônico, o *game*.

Este número da revista traz uma entrevista com Mariana Enriquez — jornalista e escritora argentina cujo nome, na atualidade, é referência em se tratando de narrativas de medo e horror com viés político e social —, bem como oferece uma resenha da obra ensaística *Horror noire: a representação negra no cinema de terror*, da estadunidense Robin R. Means Coleman, professora adjunta no Departamento de Estudos da Comunicação e no Centro de Estudos Afro-Americanos e Africanos da Universidade de Michigan.

Ressalte-se que a ilustração de capa desta *Literartes* pertence a Eduardo Belga, reconhecido por seus trabalhos plásticos voltados à poética do corpo no território do grotesco. Notadamente impactante, a imagem delinea-se como entidade monstruosa, demoníaca, fixada em fundo estável na cor vermelha. O desenho filia-se, decerto, a uma cosmovisão mítica e judaico-cristã.

A todos, uma ótima leitura!

Maria Zilda da Cunha

Nathália Xavier Thomaz

Oscar Nestarez

Ricardo Iannace
